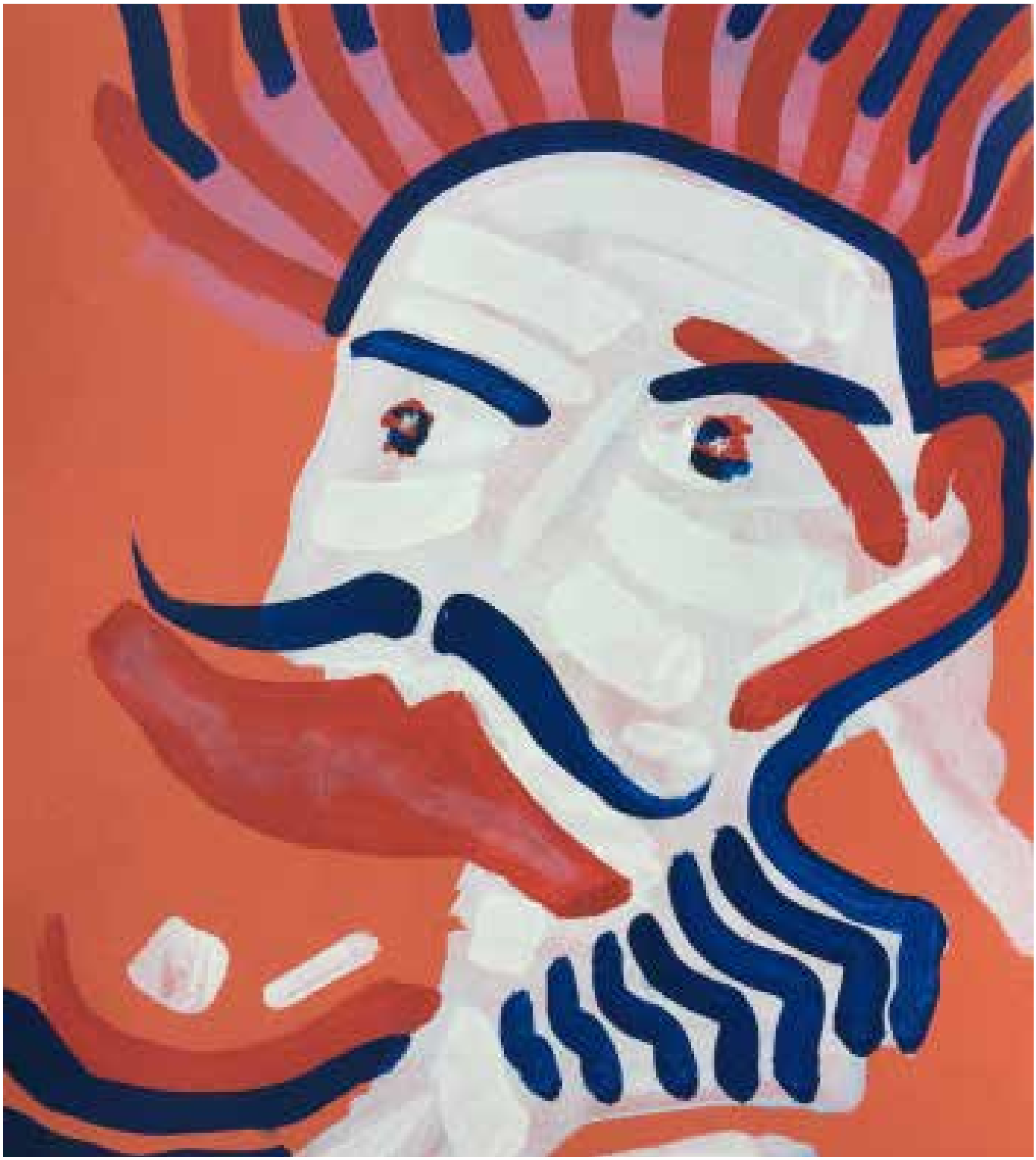
PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2447-6838

EDIÇÃO PILOTO
ANO 1
MARÇO/2019



Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Senhoras e senhores, anunciamos uma inédita exportação de pixé! Nossas fábricas estão a pleno vapor. Contratamos centenas de funcionários e outros tantos estão em treinamento para oferecer ao mercado consumidor o melhor pixé do mundo. São três turnos de trabalho, mais horas extras. Nossas encomendas de pixé chegam de todos os lugares e, por isso, criamos a versão virtual. Nossos clientes possam ir consumindo com os olhos. Não, não adianta insistir. Ninguém fura a fila! Fiquem calmos e façam suas encomendas. Garantimos a entrega no prazo, sem contratempos. Daqui pra frente, nosso trabalho é garantir para o povo o nosso pixé de cada dia.

Ainda não experimentou? Como assim? Não sabe o que é pixé? Não se culpe, ora essa. Pode não ser culpa sua. Pixé é a nossa senha. Não é para saber, é para prazer. Então, mil perdões, mas ninguém aqui dá receita. Muitos já tentaram, fizeram de tudo. Mas nunca o nosso pixé foi imitado, reproduzido com o mínimo do gosto original. A gente sente comendo, a gente come sentindo. Quem não comeu, ainda não pode sentir exatamente o que nós somos. Quem já comeu, mas não sentiu, nunca saberá. É por isso que as encomendas explodiram: cada vez mais gente quer fechar os olhos e se entregar ao prazer sem culpa, ao conhecimento pela experiência.

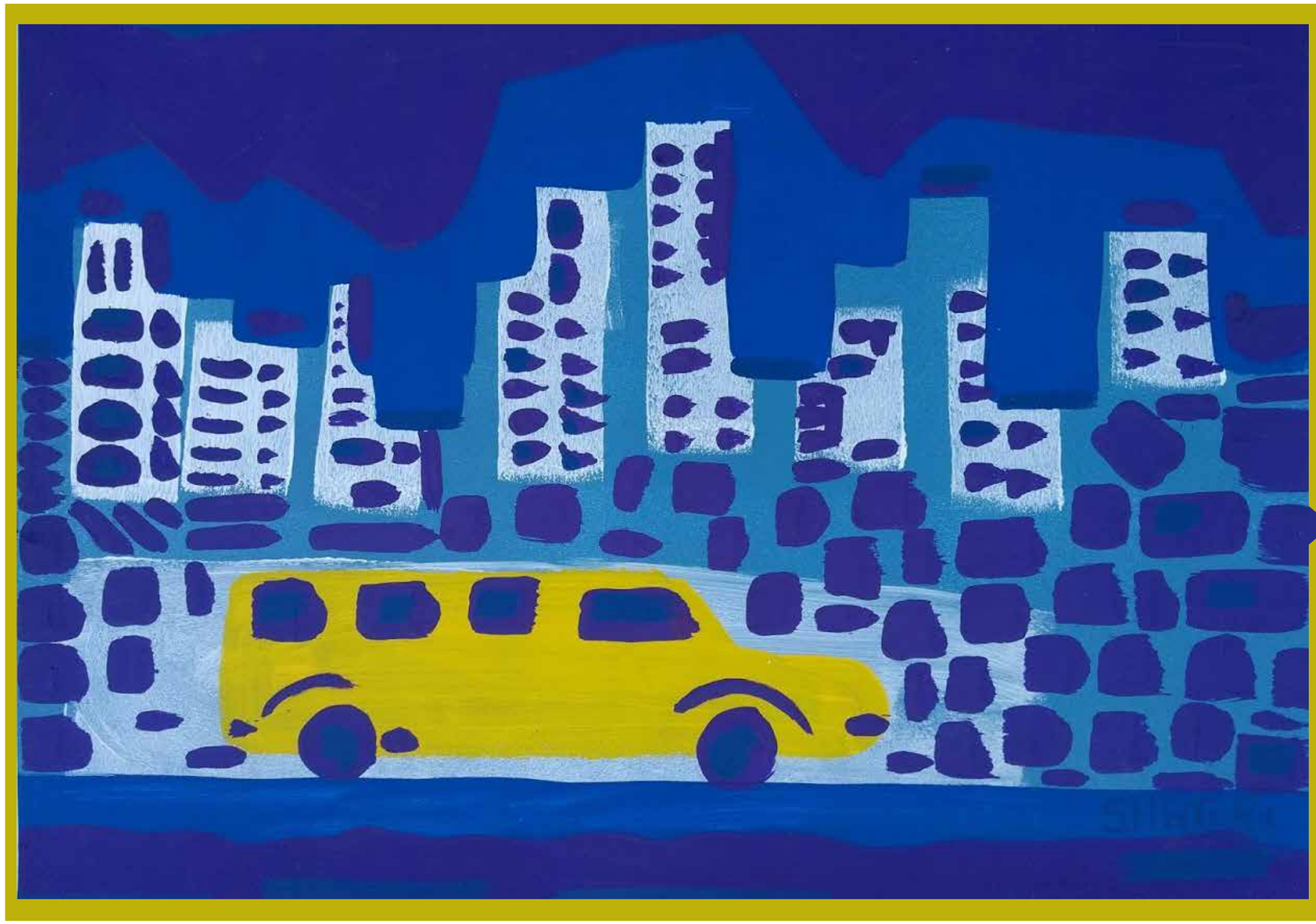
E não é assim também com a literatura? Um grude? Um vício? Um prazer inconsútil? O prazer é o consumo, não a revelação da receita. Pouco importa ao leitor de que forma o escritor articula suas letras, se não dorme, se não come, se chora ou se transpira. O que se quer é o resultado. Portanto, entregamos esse 1º número de Pixé esperando que você leia, releia, se lambuze e queira mais. O que falta em papel, sobra em qualidade artística e literária. Leia em qualquer lugar, a qualquer hora e compartilhe com os amigos. Nossa publicação é mensal e teremos todo o conteúdo de pixé disponível para consulta.

Nessa edição, vamos devorar o talento de Silvio Sartori. A mescla contemporânea da arte pop é uma colagem de referências. É o talento de Sartori que vai definir a proporção do que é humano e do que é objeto, do que é urbano e do que é rural, do que é fantasia e do que é real. Difícil saber o limite entre uma coisa e outra, principalmente porque a nossa cultura se alimenta de paródias. E isso importa realmente? Basta! Dizer mais que isso é bancar o curador erudito. Não queremos traduzir nada. A nossa proposta é que você simplesmente aprecie.

Pixé acaba de chegar.

Coma com os olhos!

Cuiabá, março/2019



SUMÁRIO

3 Editorial

6 Klaus Henrique Santos

10 Eduardo Mahon

12 Lorenzo Falcão

14 Matheus Guménin Barreto

16 Caio Augusto Ribeiro

17 Marli Walder

18 Divanize Carbonieri

20 Silvio Sartori

22 Santiago Vilella Marques

24 Ireneu Bruno Jaeger

26 Aclyse Mattos

28 Santiago Vilella Marques e Paulo Sesar Pimentel

32 Agnaldo Rodrigues da Silva

36 Vinícius Dallagnol Reis

EXPEDIENTE

Direção Geral: Eduardo Mahon
Colaboradores: Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Matheus Guménin Barreto, Caio Augusto Ribeiro, Marli Walder, Divanize Carbonieri, Silvio Sartori, Santiago Vilella Marques, Ireneu Bruno Jaeger, Aclyse Mattos, Santiago Vilella Marques, Paulo Sesar Pimentel, Agnaldo Rodrigues da Silva, Vinícius Dallagnol Reis
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Capa: Figurinha de Silvio Sartori

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

O MENINO QUE TINHA A CHAVE DA BIBLIOTECA PÚBLICA

Faceiro e serelepe, o menino passava as tardes quentes em um parque a poucos quarteirões de casa. Às vezes, a molecada da vizinhança se juntava, mas na maior parte do tempo divertia-se com a própria imaginação. Foi num desses dias solitários, quando descia de um cajueiro na parte central do parque, que encontrou pendurada em um galho, a chave da Biblioteca Pública da Província. Era uma pequena chave de cobre, com um chaveiro em couro novinho e que levava marcado o endereço do lugar. Olhou ao redor na vã esperança de encontrar alguém, mas o surgimento do objeto parecia mesmo coisa armada. Corajoso feito os desbravadores da região, decidiu pela aventura urbana.

O local era longe de casa, mas o menino sabido cortou caminhos em terrenos baldios, casas abandonadas e seguiu explorando as ruas da Província guiada por uma bússola imaginária. No esgotar de duas horas, chegou ao enigmático prédio que guardava os "objetos do demo", como costumavam se referir aos livros por aquelas bandas. No correr de seus dez anos, o menino ouvira os pais e os demais provincianos falarem exaustivamente sobre o quão perigosos eram os livros, mas decidiu arriscar-se e ver por si próprio antes de maldizer aqueles aglomerados de papel, tinta e cola, os quais mal conhecia.

Para grata surpresa do menino, encontrou naquelas páginas exuberância e vida que jamais pensou existir. Descobriu que a beleza do mundo não estava toda contida no parque em que passava os dias. Descobriu-se pequeno, menino e humano.

Não contou a novidade em casa, nem para os pais nem aos irmãos. Iam dizer para largar daquelas besteiras. Os dias se alternavam no parque e na escola, onde disfarçava a compreensão das letras. Após o jantar preparado por mamãe, ia para a biblioteca e passava as noites a correr entre as estantes e a encenar passagens dos livros que lia. Interagia com os personagens, comia, ria e chorava com eles.

Muitos foram os homens de bem a comandar a Província , mas nenhum deles se deu conta de que a chave da biblioteca estava com ele, afinal, naquele lugar, o único conhecimento que interessava era sobre as commodities que brotam da terra. Livros, só os básicos da escola, os que falassem de santos inventados e aqueles produzidos sobre os próprios provincianos.

O menino cresceu com a chave e virou homem, na biblioteca. Foi quando contou o segredo que a ninguém interessava, a uma colega, Dora. Levou-a para uma noite de leituras à luz de velas na biblioteca. O vinho, que agora ele bebia, se encarregou dos pormenores e entregaram-se ao amor carnal ali entre os livros. Repetiram o feito incontáveis vezes, muitas delas inspirados pelas descrições encontradas em livros eróticos ilustrados. Não demorou para que os pais da menina descobrissem a afronta, ocasião em que surraram-na e ameaçaram de morte o menino pecador.

Sem a companhia de Dora, seu grande amor, o menino começou a ir também durante os dias à biblioteca e notou que a responsável nunca estava por ali. Retornou nos dias seguintes e tudo permanecia na mesma. Aparentemente, a bibliotecária também havia se esquecido do local, em desuso há décadas. O menino percebeu por fim, que a exceção dele e de sua amada, todos na Província haviam se esquecido de que aquele prédio no centro era uma biblioteca. Fez uma faixa e anunciou os livros na porta de entrada, imitando os vendedores de lojas de eletrodomésticos das imediações, mas ninguém olhava. Os livros eram invisíveis e o menino blasfemador, indesejado.

Revoltado, trancou-se na biblioteca. Em casa avisou durante algum tempo onde estava, mas foi aconselhado a plantar algo que valesse dinheiro. Desistiu do mundo exterior e se encerrou em seu mundo. Decorou as paredes com escritos e está se alimentando somente de livros há anos. Um ataque de traças causou-lhe grande aflição, mas conseguiu exterminar a praga. Anos antes já havia superado o desligamento de energia elétrica do prédio inútil.

Passaram-se as décadas e num entardecer de agosto de algum ano da graça, o menino já idoso, expirou entre os livros. Há quem relate ouvir conversas de pessoas naquele prédio abandonado no centro. Dizem que o local já pertenceu à prefeitura, que estocava ali materiais inúteis nas lavouras. Contam que um menino morreu lá dentro certa vez, mas antes cometeu o sacrilégio de dizer em casa que a terra não era plana e acabou expulso. Por receio em libertar da biblioteca a loucura que acometeu o menino ou alguma praga que ameace as plantações, a chave foi atirada em uma mata e o prédio lacrado. Assim deverá permanecer por todo o sempre. Amém!

Eduardo Mahon
Eduardo Mahon, 41, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

ANTES SÓ DO QUE MAL ACOMPANHADO

Quando se está só, costuma-se não demorar num restaurante. Comigo, é justo o contrário. Qual a pressa? Sou daqueles que fica para o cafezinho. Com esse ritmo, sentei e pedi a carta de vinho. Só queria uma taça, mas tinha tempo para espiar a adega do restaurante. Ao lado, duas mulheres falavam sobre Carlos. Escolhi um vinho branco, com notas de maracujá. Parecia bom. A senhora disse que Carlos mudou-se para os Estados Unidos. Ele e a mulher. Cada um tem uma vida e não seria a mãe que iria atrapalhar. Tá certo. O vinho que chegou combinava com bacalhau. Pedi um croquete. Duas unidades. Antigamente, vinha mais. Agora, o fino é fazer só dois. Tudo bem. Enquanto não chegava o pedido, soube que Carlos tinha uma mulher que a senhora tratava como filha. Mas o relacionamento azedou com o tempo e elas se afastaram. Chegou o croquete. Muito bom. A fritura no azeite faz toda a diferença. Restaurante bom é assim: bacalhau é no azeite virgem. Nada daquelas crostas

sebosas de gordura. O bolinho estava liso e sequinho. Veio um limão ao lado. Nesse meio tempo, Carlos começou a ter problemas no casamento. A velha previu desde sempre. Era óbvio. A mulher de Carlos deixou de tratá-la como mãe para tê-la como sogra. Que falta de caráter, vamos e venhamos. A senhora cutucou: casamento por interesse, sabe como é? O garçom me disse que a especialidade da casa é um risoto de cordeiro com limão. Eu gosto de cordeiro, mas nunca havia comido desfiado no risoto. Como sempre, aceitei a sugestão. Não vai demorar, disse solícito o sujeito de gravata borboleta. De fato, não demorou. Mas deu tempo para saber que Carlos se separou da megera. Aconteceu o pior, porém. A desgraçada contratou um detetive particular. Nem acreditei. Mas era verdade. Quem contrata detetive hoje em dia? Nem sei onde achar um, se precisasse. O risoto chegou com uma cara boa. Realmente era saboroso. O toque de limão conferiu uma acidez interessante. Pedi uma segunda taça de vinho. Mudei para o tinto. Carlos também mudou. Foi para Los Angeles, fugido da mulher. Ocorre que ela descobriu onde o ex-marido escondia o patrimônio não declarado à Receita. Mas que filha da puta!, pensei. Quando terminei, chamei o garçom contrariado. Malbec? Malbec não, meu senhor. Eu não estava gostando daquilo. Sobremesa, por favor. O homem de gravata borboleta sugeriu um bolinho de avelã. Topei. Havia outras coisas, mas não queria perder o fio da meada. Enquanto isso, Carlos foi obrigado a dividir o patrimônio. Bem que a velha falou. Mãe é assim: avisa, repete, alerta. É batata! Sexto sentido de mãe não erra nunca. Carlos, porém, não quis ouvir. Deu uma de gostoso, independente. Foi morar longe, o papudo. Olha aí a esparrela. Bem feito!, falei. O garçom não entendeu direito. Retifiquei: muito bom! Agora sim, ele sorriu. Pedi o café. Geralmente, o café vem acompanhado de um pétit four. Não deu outra: um docinho de coco equilibrava-se na borda do pires. As madames pagaram a conta e foram embora. Coitado de Carlos, fiquei pensando. Enquanto eu não acabava o café, sentaram-se outras duas mulheres. Bem mais jovens, dessa vez. A menina com o braço esquerdo tatuado reclamava de Gabriel. Amigos em casa, sem convite, vida desregrada. Gente sem o mínimo simancol de cara cheia todo final de semana, um inferno. Afinal de contas, um casal precisa de espaço, de privacidade, ainda mais no começo do casamento. Concordei integralmente e, por isso, pedi ao garçom outro café. Com licor, dessa vez. Sem pressa. Eu tinha tempo.

PASSANDO A MÃO*

vamos passar a tropa em revista
catar coquinhos no asfalto
até aonde alcança a vista
e o paladar da língua

vamos passar a vida a limpo
em poucos minutos
paparicando o tempo
com aquilo que sinto

têm horas que não sinto nada
têm horas que sinto muito...
de qualquer jeito
a utopia brada
o horizonte se afasta

vamos passar o pano
nas letras que caíram no chão
e na cabeça do leitor
vamos passar a mão

sejamos apenas verdadeiros
e nada políticos (nem polidos)
vamos passar a tropa de poetas
em revista. E, mesmo fodidos,
não vamos passar a mão
no dinheiro público

*escrito especialmente para a primeira edição Pixé

INFÂNCIA

derrubado em rede no seio do pomar
li dos seus versos enquanto
na sombra da mangueira.
sob o alvoroço dos periquitos
para as mangas maduras
e o sinimbu furta cor,
meu cenário e trilha sonora.

balangando devagarinho na rede
em gesto poético.
procurador de ventinho bom,
versos aconchegantes
e da manga perpitola:
homem maduro.

fosse eu moleque rural
a brincar no cerrado
estaria peloteando casa de marimbondo,
ou talvez, menos ainda mais,
malemazinho:
cagando de cima da mangueira
pra que os porcos
viessem comer minha merda.

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

é lícito um poema onde ecoem passos
de um único homem ou de sua sombra os passos?
é lícito o poema de uns pés descalços, limpos, sobre um
pátio ainda mais? lícito
que água ainda não convexa de toques nem
de rostos outros espelhados que um só rosto, que essa água
reste?
ecos, passos, sombras, pés descalços, toques?
é lícito que haja? é lícito que haja tão rara palavra:
lícito?

é lícito que haja o que haver em versos
como estes
se os tiroteios furam a pele de uma mãe de um pai de um filho e de um
que não nasceu e não nascerá num canto escuro qualquer deste país
que nem me digno a saber enquanto escrevo um poema sobre escrever
um poema sobre um revólver calibre 38 que resolve anular o tempo?

***
Quando morre o morto
isto é:
quando o que já é morte nas linhas futuras
morre no agora
e completa seu porquê

quando morre o morto
a relva de tudo engole seu baque
mudo
e de repente de repente o haver e
[o não haver
do morto
tornam-se matéria hipotética ::
alheios já à violência limpa que é existir.
(9-3-2018, Montreuil. Na morte de Victor Heringer)

Matheus Guménin Barreto
(1992) é poeta e tradutor mato-grossense. Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg. Publicou traduções de Bertolt Brecht e Ingeborg Bachmann. Encontram-se poemas seus no Brasil e em Portugal, e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne. É autor dos livros de poemas A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017) e Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018 – coleção Olho d'água).

O AMADO, MORNO, À MEIA-LUZ

O amado, morno, à meia-luz
febril, que toca o amado ereto;
aflito, esquiva-se da luz
o amado, morno, à meia-luz,
febris os dois, febris e nus.
Aflitos – se são descobertos
o amado, morno, à meia-luz
febril e o seu amado ereto!
(25-3-2018, Montreuil)

I

Fixar-se
na raiz
de uma
nuvem.

Provar
o tato
das pedras
usando
pétalas

II

musgo
dentro
de toda
parte de
fora.

Buscar o
tempo
enquanto
a nuvem
chora.

III

pétalas
para
espantar
a eternidade

pedras para
firmar o
efêmero

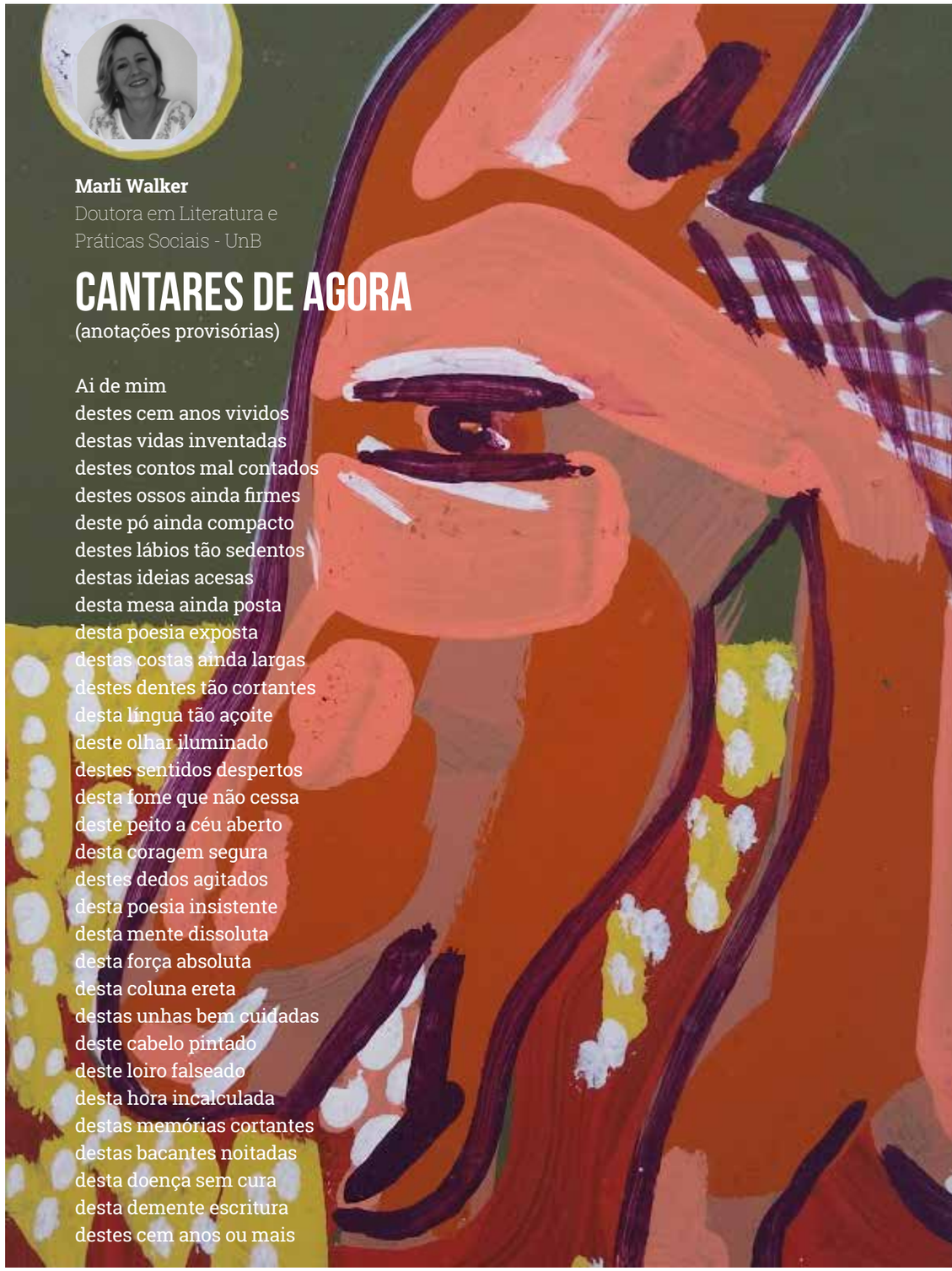
IV

gosto
líquido da
fruta na língua
silêncio para
o paladar
dançar

V

lama
para
a festa.
Fresta
do eterno
destino
dos nós.

Caio Augusto Ribeiro
É de Rondonópolis, cidade onde nasceu em 1996, mas reside em Cuiabá desde 2011. Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso participa ativamente do meio artístico. Ator, diretor e performer, Caiodesenvolveu diversos projetos artísticos, como o de roteirista de filme e diretor de livro.



Marli Walker
Doutora em Literatura e Práticas Sociais - UnB

CANTARES DE AGORA

(anotações provisórias)

Ai de mim
destes cem anos vividos
destas vidas inventadas
destes contos mal contados
destes ossos ainda firmes
deste pó ainda compacto
destes lábios tão sedentos
destas ideias acesas
desta mesa ainda posta
desta poesia exposta
destas costas ainda largas
destes dentes tão cortantes
desta língua tão açoite
deste olhar iluminado
destes sentidos despertos
desta fome que não cessa
deste peito a céu aberto
desta coragem segura
destes dedos agitados
desta poesia insistente
desta mente dissoluta
desta força absoluta
desta coluna ereta
destas unhas bem cuidadas
deste cabelo pintado
deste loiro falseado
desta hora incalculada
destas memórias cortantes
destas bacantes noitadas
desta doença sem cura
desta demente escritura
destes cem anos ou mais

LARGA SOBRA

a chapa de água
desliza devagar
chapisca a pia
galvaniza a palma
da mão cheia
a vaga macia
amorna a pele
amortece a tez
arrepia o pelo
rodopia no ralo
rola no vão
vaza no empuxo

o amor volteia
estonteia o pulso
paralisa a valsa
uma pata luxada
sentencia a égua
amaina o vagalhão
esmigalha o grão
enlaça e inebria
o pedaço goteja
uma larga sobra
pinga sem trégua
prenhe na imensidão

BARGANHA

tanto sobra
bocado resta
tudo subtrai
bem restaura

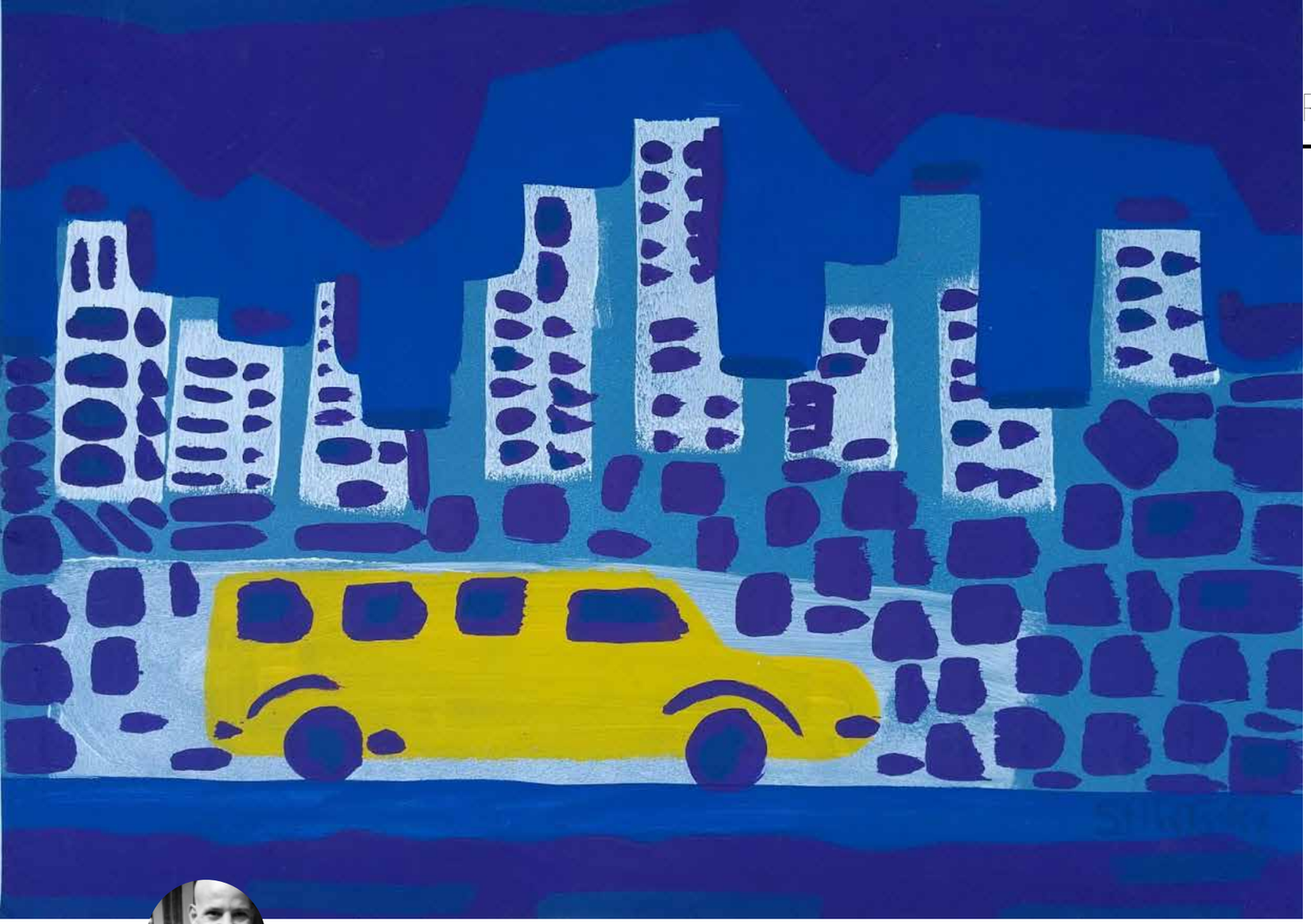
raspa o fundo
dobra a parte
tensa barganha
nada demanda
dá outro preço
sopesa o grama
matéria morta
tamanho traste

ESTAMPIDO

fura a palavra no espaço
da página morta
o escrevinhado
vazado
esvaindo pelo poço
fosso entre letras
nome de homem
insone mentira
tiro seco no peito
estampido
picada que mata

esfarinhado diamante
na tenda do espírito

Divanize Carbonieri
Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora de literaturas de língua inglesa na Universidade Federal de Mato Grosso. É autora de Grande depósito de bugigangas (2018), selecionado no Edital de Fomento à Cultura de Cuiabá, e de Entraves (2017), vencedor do Prêmio Mato Grosso de Literatura na categoria Poesia. Foi finalista do Prêmio Off Flip 2018 (Poesia) e selecionada para a antologia poética no 3o Concurso Lamparina Pública em 2016. É uma das editoras da revista literária digital Ruído Manifesto.



Silvio Sartori
Mestiço, artista visual...

SILVIO SARTORI POR ELE MESMO

Sou fruto da mistura da mistura, mãe misturada no Acre, pai misturado em São Paulo. Nascido em Barra do Bugres, permaneço até os 5 anos. Dos 6 anos aos 23 vivi em Cuiabá, capital, do Estado de Mato Grosso, (já nem tanto!). Sou artista - plástico, madeira, papel, performance - de vida. Ser artista para mim é acima de tudo, observação, análise e proposta no campo do sentimento e consciência. Artista por crença própria, de caminho autodidata. Trato a arte como um dos elementos naturais de transformação e evolução humana. Iniciei minha produção e estudos nas artes com anseio profissional aos 17 anos. Perambulando dias e noites, encontrei o meu caminho nas artes plásticas.

No ano 2000, aos 21 anos de idade, tive a felicidade de receber o primeiro prêmio no Salão Jovem Arte do Estado de Mato Grosso. Com os valores ganhos no Salão, investi na criação de um ateliê livre na maior escola pública do estado. Ali foi realizado o projeto artífice, onde ao todo passaram 400 alunos. No final do projeto, realizou-se uma exposição coletiva dos participantes na secretaria estadual. Na ocasião, o projeto foi acompanhado pela Unesco, onde se conferiu um prêmio à escola por iniciativas do gênero. No ano 2003, fui o selecionado na categoria de Artes Plásticas do prêmio Ação Cultural do Estado, o qual me oportunizou a realizar a minha primeira mostra individual em Museu, na UFMT. Em 2004 passei viajando por várias cidades do Brasil. No ano 2005 me fixei e desenvolvi projeto em arte e educação na Escola Piaget em Goiânia, Goiás. Em 2006 me tranfiro para Itália, Europa, onde adquiri a cidadania por descendência paterna onde realizei várias interferências urbanas. No ano 2008, me transfiro para Londres, Inglaterra e me dedico ao aprendizado da língua inglesa. No ano de 2009 intensifico como artista de rua em vários pontos turísticos da cidade de Londres e a redores.

Em 2013 realizo várias exposições informais na cidade de Londres. Retorno ao Brasil no final de 2013. Em 2014 e 2015 viajo de moto por 9 estados brasileiros percorrendo 40 mil km, trabalhando como artista visual na rua e performances de interação, durante a viagem também foi desenvolvido um projeto na área da palhaçaria hospitalar, com a criação do personagem Silvio Sadio. No ano de 2016 retorno a Cuiabá para realizar uma exposição no Museu de Artes do Estado de Mato Grosso, onde produzi 111 pinturas executadas em praça pública e no espaço do museu. Todo o material pintado virou 3 mil coleções com 11 figurinhas cada, o que resultou na exposição individual Coleção de figurinhas de Silvio Sartori. No ano de 2017 executo um atelier fixo na cidade de Paraty e um atelier móvel em cima de uma bicicleta, onde realizei performances na rua, repnings de pintura em espaços públicos e divulgo a minha produção visual no formato de figurinhas. Em 2018 faço um retiro para a natureza em uma ilha quase deserta para fazer uma reflexão profunda.

Estou trabalhando para criar uma identidade no ciberespaço, nas redes sociais, além das atitudes convencionais, exposições e venda das obras originais em mostras coletivas e individuais.

Santiago Santos
É escritor, tradutor, copidesque, jornalista e tereréficionado. Mora em Cuiabá desde moleque, desenvolvendo constantes táticas pra fugir do sol e do mormaço. Publica drops no flashfiction.com.br desde 2013 e lançou seu primeiro livro em 2016, Na Eternidade Sempre é Domingo [Carlini & Caniato], uma aventura pé na estrada que entrecruza a história e a mitologia dos incas. Em 2018 foi a vez da primeira coletânea dos drops do Flash, Algazarra [Patuá]. Já publicou ficção em antologias, blogs e revistas.

AS MUITAS VIDAS DO AÇOUGUE DO CAOLHO

Se você passa na Rua Tolentino de Almeida à tarde, num dia ensolarado e com pouco movimento no açougue, você vê através do vidro da fachada o Ronaldo, um homem de cabelos curtos e uma barriga nos estágios iniciais do avantajamento sentado em seu banco, atrás do refrigerador de embutidos, olhando fixo pro outro lado da loja. Pelo ângulo talvez não seja possível identificar o que ele olha. Mas não é Lucinda, a professora e filha do dono, que cuida do caixa depois que chega da escola, e tampouco o relógio de ponteiro barulhento acima da cabeça dela. O que ele observa é um prego na parede, hoje pintado de branco numa das repinturas, mas ainda ali, protuberante.

Naquele prego, e isso é possível que a sua mãe, o seu pai ou algum dos seus tios, ao passar por ali décadas atrás tenha visto, e digo eles e não seus avós porque depois de uma certa idade a gente aprende a não encarar as coisas e as pessoas por muito tempo, mas naquele prego ficava pendurado o chapéu do dono do açougue, seu Edvaldo. Seu Edvaldo continua o dono, mas ele abandonou o chapéu. Coincidem os últimos dias úteis do chapéu com a entrada do Ronaldo no açougue, na época um rapazote que não tinha dinheiro pra se mudar pruma cidade maior e estudar na universidade. Por pouco tempo Ronaldo conviveu com Suélen, a esposa de Edvaldo, uma mulher muito solar, um adjetivo incomum mas que parecia colar nela com perfeição. Ela vinha na loja sempre, conversava com os clientes. Foi ela quem ensinou a Ronaldo os macetes do moedor de carne, que seu Edvaldo usava como se fosse um trator e não a peça delicada que era. Mas morreu subitamente. E no dia do funeral, seu Edvaldo aposentou o chapéu, que era um presente dela.

Antes do chapéu, no mesmo prego, havia uma plaquinha de "não aceitamos fiado". Quem a pendurou foi o pai do seu Edvaldo, que abriu o açougue muito tempo atrás, quando voltou da guerra só com um olho. Talvez algum de seus avós lembre que por muito tempo as pessoas diziam que iam comprar carne no caolho. Nunca na frente dele, é claro. Ronaldo não chegou a ver a placa, mas sabe dela porque seu Edvaldo vira e mexe comenta como as pessoas respeitavam seu pai e a placa, e como ele tem vontade de pendurar ela de novo. Balela, sabe Ronaldo, já que o fiado é a licença poética de qualquer cidade do interior, e depois que ele assumiu e passou a jogar o jogo a clientela só aumentou.

O que não é possível dizer, de ângulo nenhum, mas eu posso te contar, cá entre nós, é o motivo pelo qual Ronaldo olha pro prego na parede. Isso só vai ficar claro pro seu filho ou filha, daqui a alguns anos, quando passar por lá e ver Ronaldo olhando pro seu próprio chapéu pendurado. Ele vem guardando dinheiro há um bom tempo. Pretende comprar o açougue do patrão, já que a filha, Lucinda, não tem o menor interesse em continuar com o negócio quando o pai aposentar. Ronaldo ainda não sabe que Lucinda se tornará sua esposa depois do divórcio com o vendedor de seguros do outro lado da rua. O que Ronaldo sabe é que uma vez dono, adotará o chapéu. Não porque seu Edvaldo usava, mas porque a avó de Ronaldo, que o criou sozinha e de quem sente uma saudade imensa, sempre dizia que com chapéu ele parecia um daqueles astros de cinema, e Ronaldo gosta de parecer um astro de cinema. Ele só não acha que astro combina com funcionário de açougue, e sim com dono.

São coisas que passam batidas, não é? Mas eu gosto de pensar que um simples prego seja o marcador das divisas do tempo de um açougue e das gerações que o tocaram. Você não se importaria de saber se eu não contasse, mas o Ronaldo também vai aposentar o chapéu um dia. Há um bom motivo, mas esse motivo só o seu neto ou sua neta vai saber e poder te contar, e eu não quero estragar a surpresa. O que você sabe, e isso sem a menor sombra de dúvida, é que as melhores costelinhas de porco da cidade eram, são e continuarão sendo vendidas ali. E você adora uma costelinha.

Ireneu Bruno Jaeger
Ocupa a cadeira nº 1 de Academia Sinopense de Ciências e Letras. É um dos fundadores da mesma. É professor aposentado da Universidade do Estado de MT. Publicou poesias, crônicas literárias e um romance. Recebeu Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores e da reitoria pelo histórico da UNEMAT do Estado e do Campus de Sinop. Ao todo publicou 14 obras. É catarinense de nascimento e mato-grossense de coração desde 1977.

E MURCHOU...

A morena viu um lírio branco que tinha brotado encima de um monte de barro. Era o dia 25 de janeiro de 2019. O sol se escondera atrás de uma nuvem.

Levanto, mas não ligo a TV. Estou enfadado de tanto ouvir esquerda x direita. Como se não houvesse outro caminho.

Mas aí eles me imploram: Veja. Mas que horror. Meus olhos se ofuscam. No meio daquela cena dantesca ouço Castro Alves gritar:" Ondes estás , Senhor Deus dos Desgraçados? " A resposta é um ruído ensurdecedor de helicópteros. A televisão mostra: Um senhor engravatado tenta explicar o inexplicável. Fala difícil: a jusante, a montante e as pessoas a pé fugindo do monstro barroso." O´Céus, por que não apagas este borrão?!" Este borrão são peixes, bovinos, humanos... desumanos "onde estais?". Havia casas...havia.

Mergulho no mais profundo abatimento. Com a ponta da manga da camisa consigo enxugar uma lágrima que furtiva tenta escapar.

Questiono: como podem ser doces as águas do Vale do Rio Doce?

Nuvens voam pelo chão como revoadas de moscas.

Anoitece. Lá no ocidente monstros cismam.

"Em cismar, sozinho à noite, mais... horror encontro lá. Minha terra tinha palmeiras onde cantava o sabiá."

E a mulher viu que a flor branca tinha caído. Ajuntou-a e colocou num copo de água fresca.

O ar é uma bruma cinzenta... bruma suave chorosa. E a noite escancara a fauce escura desdentada. Deserto humano.

A mágoa aperta o peito preste a partir em pedações pesados. A natureza sofre e de chofre um raio acende um lampejo de esperança.

E a mulata canta o Luar do Sertão, numa melodia triste, chamando pelo amado. É um punhal fincado fundo na escuridão.

Chamam para ver a TV. Mas vale a pena? Vale? Repórteres com alma enlameada de abrolhos tentam decifrar um mundo inclemente. Vale a pena ficar ouvindo? Vale?

A cantora viúva tristonha sente um langor abrasar-lhe a pele e a alma quando sabe do pior. O que é pior: vivo ou morto?

E o deus de Castro Alves responde: Tudo ama. O amor é de vivos e mortos. Minas ama e sofre. Quem ama, sofre. O Brasil sofre e em preocupações e se aquebranta.

Vamos ver a flor branca. Ela mudou de cor. Ela murchou.

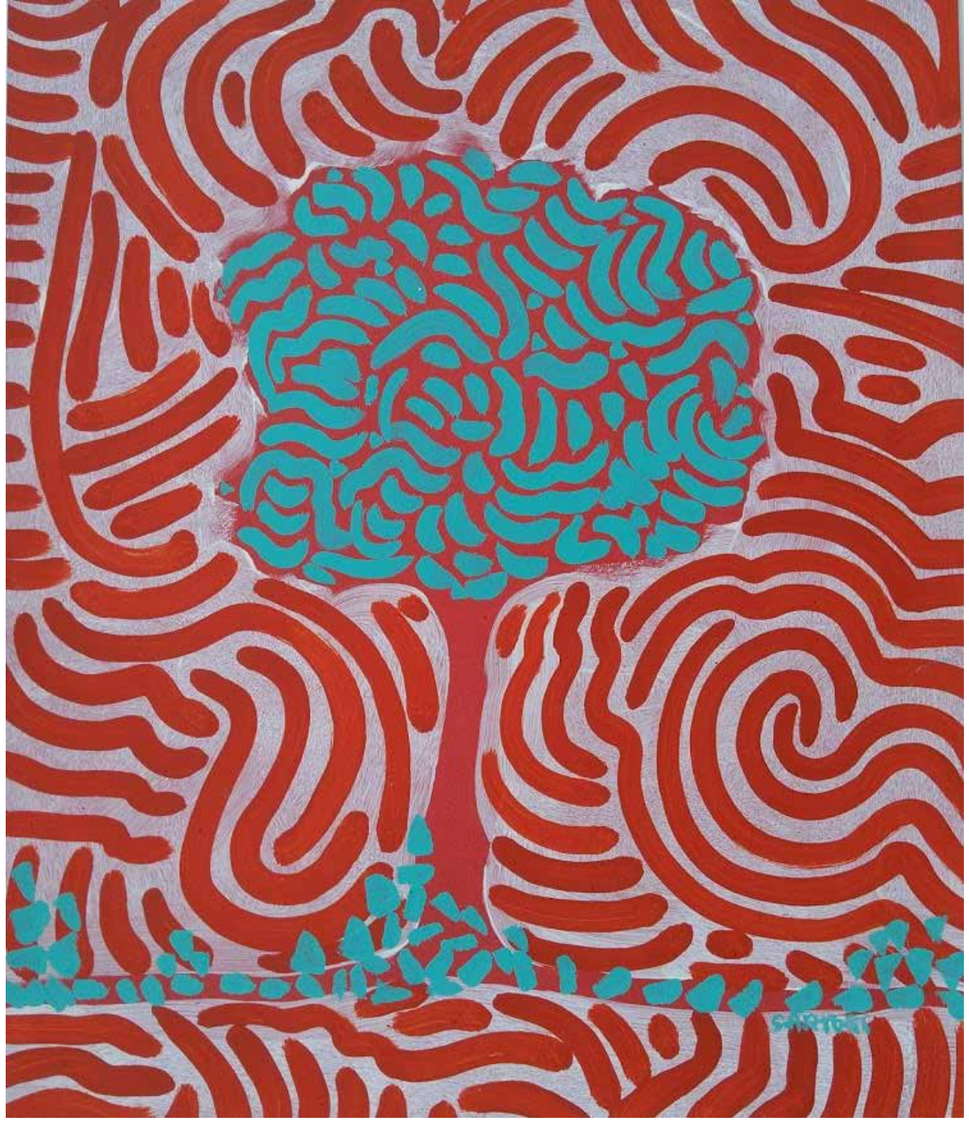
EINSTEIN MALLARMÉ

"Deus não joga dados".
Ele prefere a roleta.
Dados tendem a quadrados.
A esfera é quase perfeita.

Eita! Deus da Estética!
Até aparou as arestas.
O sopro da vida girando.
Roda o universo em festas.

Parece uma eterna aposta
Aberta sempre a um devir:
Cada um faz o que gosta
Até a bola cair.

Aclyse Mattos
Nasceu em Cuiabá, dias antes da cheia de 59 que inundou o Porto. Poeta nas horas cheias e professor nas horas vagas. Além de Cuiabá, morou também no Rio de Janeiro e São Paulo. Professor do Departamento de Comunicação da UFMT, mestre pela ECA-USP e doutorando pela UFMG.



MÃO DUPLA*

A estrada à frente insinuava-se, oscilando numa constante sobreposição de imagens ao mesmo tempo originais e repetidas. O contato com a direção, que sempre lhe dera a sensação de poder, agora não passava de um peso que tinha que carregar até o ponto de entrega da carga – um monte de bíblias amontoadas no banco de trás e no porta-malas. Não que fosse religioso, ou cresce em um Deus em especial, pelo contrário, sempre cultivara um certo ódio em relação a qualquer tipo de crença ou manifestação metafísica. Apenas precisava sobreviver, sustentar uma família que, no caso, resumia-se em uma esposa medianamente (ou pouco) atraente, porém querida.

Era um dia inteiro na estrada. Um cansativo dia quente e úmido de início de outono, que prometia um resto de ano tão desagradável quanto fora o início. Entretanto, tudo corria mais ou menos dentro da rotina e as coisas indicavam uma possível "melhora no tempo", o que aqui significava possibilidades de boas propostas profissionais. Ansiava por elas, uma vez que, apesar de amada a esposa, o casamento não corria como esperado. É claro que podia ser, simplesmente, uma tão conhecida crise dos sete anos...

Então, aquele sonho. A estrada era aquela. Vira a placa na entrada do sonho e anotara quando o relógio despertou.

A esposa não dormira em casa. Nunca ficou uma noite fora, e então... Esperou toda a madrugada, acompanhado de quase dois litros de uísque que guardava para a semana, para as solidões da semana, de todo fim de dia quando precisava de um líquido forte para engolir qualquer palavra que não podia ser dita, como as pílulas que, de criança, regurgitava e a mãe enfiava garganta adentro com um segundo copo de água.

Dois litros de álcool e a mulher pela primeira vez não disse nada. Não estava ali.

Dormiu bêbado e sonhou com a estrada. A velha e conhecida estrada que agora assumia contornos de uma noite mais sutil, com elementos sempre presentes, mas agora perceptíveis. A estrada familiar, de tantos sonhos, que percorria à noite, no sono pesado dos culpados. Na adolescência, começou a sonhar com ela. Primeiro, fugia de serpentes e encontrava a estrada que o levava de volta à casa. Depois, eram homens sem rosto, perseguindo com foices e facões, e novamente a estrada redentora. Casou e perdeu a estrada. Todos os pesadelos pareciam tê-lo abandonado, trocados pela insônia dos arrependidos. Agora, não poderia ser mais assim. Novamente, ela se erguia como incendiada nas bordas para conduzi-lo, sem titubear, para seu refúgio. Entretanto, não era mais a mesma. Podia ver vestígios do que outrora teria afirmado veementemente ser a salvação da infância, mas que agora não passavam disto, vestígios que, lutando contra o tempo, tentavam perdurar por uma inexistente eternidade.

Era a mesma estrada, só que amadurecida, com uma placa, assim como ele. Não sabia se as mudanças que com ela se deram eram ao menos semelhantes às que ele experimentou. Só que, agora, ambos estavam ali, mais velhos, e, quando envelhecemos, temos mais pressa. Por isso, danou a correr. Tinha um objetivo, um lugar para chegar, uma mulher que o esperava, tomara que também ansiosa para tê-lo. Queria encontrá-la viva. No sonho, já era um cadáver abandonado no acostamento. Fora atropelada? Deixada por sequestradores? O sonho não expli-

cava. Sonhos nunca explicam: acenam, provocam, destroem e se calam. Sobra a insatisfação acompanhada da vontade de ir além, traçar um paralelo com a verdade, se é que ela existe.

Quando soube o nome da estrada, pelo último sonho, não teve dúvidas. Correu para a empresa, chegou antes dos outros vendedores e pediu para fazer a entrega das bíblias. Sabia que elas o levariam à mulher desaparecida.

Acelerou mais um vez, a última curva, como no sonho. Depois, viria o corpo, a esposa desejada, a mulher assassinada à beira do asfalto, sem beijo, sem culpa.

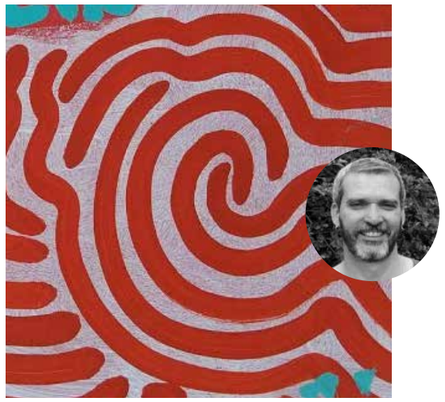
Reduziu a velocidade, encostou, desceu ansioso, os dois extremos da estrada desertos. Não havia corpo, a mulher que não deixara em casa também não encontrou ali. Decidiu andar, talvez o local fosse outro, os sonhos enganam, nunca podemos confiar. Virou-se para o banco de trás e pegou uma bíblia sem acreditar no seu poder, mas querendo ter algo na mão e não vendo ao redor nada melhor. Desceu e andou inebriado, em êxtase, por estar revivendo o que nunca havia realmente vivido. Mas o mato, a escuridão, o cheiro... a morte andava perto. Os passos dele aproximavam-na, podia quase tocá-la e, ao contrário da crença popular, não era fria, mas quente e pulsante, sugando algo que não era só sua vida; era mais.

Foi para o meio da estrada, o carro cada vez mais distante. A morte estava em sua mão, como esses tiras farejadores que carregam sempre consigo os crimes que ainda vão descobrir. Ele tinha um crime para desvendar. Onde estava sua mulher? Nunca se atrasava, nunca dormia fora de casa, como os gatos vadios que encontram adoção. Mas não estava em casa, nem na estrada, naquele ponto específico, e o mundo se resumia, naquele momento, apenas àqueles dois pontos extremos aproximados por seu devaneio, aproximados por um sonho, onde ele jurava tê-la visto, mais bela do que nunca fora, porque nunca esteve morta. Tinha de encontrá-la, o sonho não mentira, ou, até ali, qualquer sonho não passara de mentiras nunca descobertas. Ele costumava acreditar nos sonhos, mesmo contra si mesmo, ou nunca teria casado. Se um sonho dizia que a mulher estava morta naquela estrada, ela deveria estar. Não existem simbolismos. A realidade não pode censurar os sonhos. Não pode ou não deveria.

Perdeu as horas, as horas o perderam. Não via mais o carro, não conhecia mais a mão que segurava a bíblia, nem sabia mais em que direção tomava a estrada, qual era o avanço, qual era o retorno.

Veio, então, a luz, que ele não temeu, porque não viu. E ela iluminou a curva. Era aquela. Como tinha se enganado? Essa era curva, este o lugar. Finalmente encontraria o corpo, finalmente, a

mulher de volta, como sempre a desejara. Abaixou-se no escuro, parecia ter visto uma sombra na margem da estrada. Como uma voz de criança, algo surgiu de sua garganta, habituada na infância a remédios e água. Quis uma dose do uísque que tinha deixado no carro. Não viu o outro que vinha em alta velocidade. Não conseguiu desviar-se. Apegou-se mais firmemente à bíblia quando rolou sobre o capô do automóvel, depois no abraço escaldante do asfalto. Terminou ainda preso a ela, quando se deitou de lado no acostamento. Já não era um homem. Assim o viu a mulher que desceu histérica do automóvel acompanhada do amante. Debruçou-se sobre o corpo, um cadáver mutilado e belo. A mulher reconheceu a bíblia, o homem que deixara em casa as vendia sem acreditar no que prometiam – isso que fazem todos os bons vendedores. Não teve coragem de olhar o rosto da vítima. A culpa – ou o alívio - do crime se acumulou aos sentimentos confusos por ter deixado o homem para trás, no passado, sem explicação e, pela primeira vez, depois de sete anos de cama dividida, ter acreditado nos sonhos e ido procurá-los numa estrada desconhecida.



* Publicado, originalmente, na coletânea de contos "Angulo Bi", de 2002.

Santiago Vilella Marques (1967-2018)
Graduado em Letras e Jornalismo, Mestre e Doutor em Estudos Literários. Autor de diversos livros em prosa e verso. Premiado nacionalmente (Prêmio Sesc Monteiro Lobato de Conto Infantil - 1º lugar, em 2009 e em 2010; Prêmio Sesc Machado de Assis de Contos - 2º e 3º lugares, em 2009 e 2011, respectivamente; Concurso de Contos de Ituiutaba Águas do Tijuco - 1º lugar, em 2012; Prêmio Cataratas de Contos e Poesias - 3º lugar, em 2015; dentre outros.). Era natural de São Paulo, mas residente a maior parte da vida em – e apaixonado por - Sinop-MT.

Paulo Sesar Pimentel
Natural de Mato Grosso do Sul, mas residente em Mato Grosso há mais de 20 anos. Graduado em Letras, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutor em Psicologia, é professor do IFMT Campus Cuiabá – Bela Vista. Publicou as coletâneas de contos "O cão sem penas" (2014), "Diário de Uma Quase" (2010), "Café com Formigas" (2005) e "Ângulo Bi" (2002 - com outros autores mato-grossenses).

Agnaldo Rodrigues da Silva
É pós-doutor da Universidade do Estado de Mato Grosso e membro da Academia Mato-Grossense de Letras/Brasil. Como autor de criação literária (contos), destacam-se os livros: A penumbra (2004), Mente Insana (2008) e Dose de Cicuta (2010). Das muitas obras de crítica literária, citam-se: Projeção de mitos e construção histórica no teatro trágico (2008), O teatro mato-grossense: história, crítica e textos (2010), Escritos Culturais: literatura, arte e movimento (2013), para além de obras em co-autoria, tais como: Nas entrelinhas do texto (2012), Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras (2013), Diálogo entre literatura e outras artes (2014), Do texto à cena - entre o teatro grego e o moderno teatro brasileiro (2014), Plínio Marcos – o signo de um mau tempo (2016), Trajectórias culturais e literárias das ilhas do equador – estudos sobre São Tomé e Príncipe (2018).

O CUMBARU DE OURO – UMA LENDA URBANA

Era noite em São Luiz de Cáceres. Céu limpo com estrelas que iluminavam majestosamente o tempo. O vento favorecia o farfalhar das folhas, um barulho que se diluía nos mistérios da noite. No sítio, que ficava lá pelas bandas do Lavapés, reuníamos sempre na casa da vovó, onde fazíamos brincadeiras de rodas ou pique esconde, enquanto os adultos conversavam sobre as vidas dos outros, assuntos domésticos ou coisas de igrejas. No final das reuniões, sempre chamavam as crianças para que os mais velhos contassem causos, geralmente aqueles que habitavam a órbita do fantástico, estranho ou maravilhoso. Os menores ficavam sempre assustados, com os olhinhos arregalados, porque narravam estórias sobre lobisomens, bruxas e lugares encantados. Acreditava-se que muitos deles andavam por aquelas bandas. Íamos para casa, segurando firmes nas barras das saias de nossas mães, tropeçando, e sempre olhando para trás.

Naquele dia, a proposta foi a contação da lenda do Cumbaru de Ouro. Vovó estava no centro da roda, quando arregalou os olhos e disse com seriedade e mistério: esta estória é verdadeira crianças! Quem duvidar, passe pelo Cumbaru e desafie os seus mistérios! O coração gelou, bateu ofegante, um arrepio tomou conta do meu corpo. Puxa, vovó sabia mesmo contar um causo e prender a nossa atenção! Nossa avó era sozinha, o marido havia abandonado a família, por isso criou com sacrifício os filhos, que não eram poucos. Vestia sempre um vestido de chita, típico das vovós daquela época e que moravam afastadas da cidade. Engraçado é que ela sempre elegia o vovô como protagonista das histórias, e achávamos que tudo era verdade, porque quanto mais próximos da realidade eram as personagens, os fatos pareciam mais reais.

Antônio Guampa, o avô de vocês – narrava vovó – desceu à cidade para vender raízes, mas foi um tanto avançado da hora, quanto era de costume. Terminado os afazeres, ele resolveu molhar a língua com água ardente no Bar Pinguim, aquele boteco que fica em frente da Praça Duque de Caxias, no Centro. Entre um gole e outro, e conversas que vem e vão, o tempo passou rapidamente. "Quando o papo fiado é bom, a cachaça parece ficar mais gostosa", assim ele costumava dizer. Quando lembrou de voltar, era quase meia noite, então jogou o dinheiro amassado sobre o balcão, catou as compras que tinha feito, e saiu de qualquer jeito caçando o rumo de casa.

Ah, coitado! Na pressa, ele tomou a Rua Tiradentes que se encontrava com a Rua Lavapés, mas, com certeza, a pinga o fez esquecer que no entroncamento entre as ruas havia o Cumbaru de Ouro. Sim, crianças, o misterioso cumbaru! Conta-se que atrás do tronco dessa árvore há um precioso tesouro escondido, um baú cheio de ouro. Antigamente, – narrava vovó, que por sinal já era também antiga –, não existia bancos, nem cofres para que as pessoas guardassem suas fortunas. Por isso, elas colocavam seus tesouros dentro de baús e enterravam, geralmente atrás de uma grande árvore. Muitos materialistas morriam deixando suas fortunas enterradas, mas voltavam para cuidar os seus tesouros, tornando-se almas penadas. Elas sempre eram vistas nos lugares onde enterraram suas riquezas, aparecendo entre a meia noite e uma hora da manhã.

O avô de vocês vinha a passos largos, cabeça baixa, fungando o início de cansaço. A poucos metros, lembrou-se da árvore amaldiçoada. Suspendeu a cabeça e lá estava o cumbaru. Os galhos a balançar. As folhas mexendo-se com o vento da quase madrugada. Olhou no relógio, coçou o queixo como era de costume quando ficava em dúvida, deu de ombros e disse:

– Seja lá o que Deus quiser! Se a assombração não me matar, eu ficarei rico.

Benzeu o corpo e seguiu adiante.

Quando se alinhou ao tronco, uma porta entre mundos abriu-se. Os pés formigaram, uma câimbra

subiu pelas pernas, impedindo-o de prosseguir, um frio na barriga gelou o estômago e, com cara de espanto, viu surgir uma luz que pouco a pouco tomava forma de mulher. Com as mãos, ela fez um gesto para que ele a seguisse atrás do cumbaru. Lá estava a reluzir um baú entupido de ouro, diamantes, safiras, esmeraldas e rubis. Uma fortuna incalculável! Uma corrente grossa e pesada prendia o baú ao tornozelo daquela alma. O vento mexia seus cabelos longos e o vestido branco, sintonizados ao brilho resplandecente das joias que quebravam a escuridão da noite. Com os olhos fixos, ela trincou o silêncio com voz imperativa:

– Liberta-me! Quebre esta corrente e torne-se rico. Deixe a tua família, abra mão da tua vida e venha morar comigo!

A mulher de branco colocou aos mãos no baú e retirou um machado bastante afiado, que talvez fosse para cortar o metal que a aprisionava. Mas o susto superou a coragem, o Guampa jogou o saco de compras no chão e ao grito do "creio em Deus todo poderoso", desembestou rua afora e só parou de correr quando adentrou por aquela porta da sala, molhadinho de suor, a dizer coisa com coisa. Eu perguntei-lhe sobre as compras e o dinheiro, então ele me contou essa estória. Como estava bêbado, imaginei que tivesse inventado tudo para justificar o gasto ou a perda do que havia recebido pelas vendas. Ao acordar não disse nada. Tomou o café, pegou a enxada, a foice, a matula preparada e saiu rumo à roça. Findou o dia, varou a noite, o dia seguinte e outros dias. Ele nunca mais voltou.

Ao término da estória, os olhos da vovó encheram-se de lágrimas. O tempo parou por alguns instantes, como se ela estivesse revivendo memórias esquecidas. Levantou-se, pegou a lamparina, entrou na casa, fechou a porta. Depois, todos levantaram e foram para suas casas, na certeza de que vovó havia tido aquela experiência única do cumbaru de ouro. Pouco tempo depois, papai e mamãe decidiram mudar para a cidade, porque nós precisávamos estudar. Nunca mais tivemos aquelas rodas de causos na casa da dona Maria Joana. Algum tempo depois, ela nos deixou.

Muito tempo depois, eu já adulto, lá pelos meus 25 anos, fui a uma festa na casa de amigos. Na volta, desci a Rua Tiradentes para pegar a Lavapés e, enfim, chegar à Cidade Alta. No trajeto, deparei-me com o pé de cumbaru, altivo, misterioso, histórico, memorialístico. Lembrei daquela noite de conversa na casa da vovó Maria. Parei embaixo da árvore, alinhei o corpo com o tronco. Fechei os olhos e respirei fundo. Aos poucos entrou pelas minhas narinas centenas de saudades que invadiam a alma. Consegui sentir o cheiro

da infância, do pé de abacate, da goiabeira e do bananal. Parecia que eu estava no sítio daquela época, em uma fusão de tempo e espaço, presente e passado. Abri os olhos, olhei no relógio, era meia noite. Não senti meus pés formigarem, nem cãibra nas pernas; muito menos vi a mulher que deveria sair detrás do pé do cumbaru para me ofertar o baú de riquezas. Balancei a cabeça e dei uma risada que, de certo modo, lançava aquele relato na rede das crendices populares. Olhei para trás e ao longe vi surgir alguém. Firmei os olhos e percebi que era uma idosa, tinha os cabelos branquinhos e presos, usando um vestido de chita. Senti um frio na barriga, pois parece que o passado vinha ao meu encontro. Corri, virei a esquina e cheguei em casa sem olhar para trás. Talvez, nunca tenha passado um medo tão grande quanto aquele. Nunca mais passei pelo cumbaru de ouro. Hoje, ele não existe mais, apenas as lembranças. As memórias sobre um terreno baldio que alimenta as lendas urbanas da bicentenária Cáceres.

Um dia desses, eu estava lendo A terceira margem do Rio, de Guimarães Rosa, assim como Nas águas do tempo, de Mia Couto. Então pude compreender o ocorrido naquela meia noite de meus saudosos 25 anos.

PIGMALIÃO VERSUS NARCISO

Vinícius Dallagnol Reis
(que escreve atualmente utilizando o pseudônimo de Nyll M. N. Louie-Halljssê) nasceu em Sinop no ano de 1992. Redige poemas desde os onze anos, tendo se embrenhado também na escrita de contos. Suas poesias foram laureadas quatro vezes no Varal de Poesias da Unemat. Outra delas ("Tentação") foi escolhida para a seleção da Vivara Editora no Concurso Nacional Novos Poetas (2014). Em 2018, publicou sua primeira obra, uma breve coletânea de poemas intitulada "Escatolírica Nokturna". Os principais temas de seus textos giram em torno dos símbolos da memória, da noite e da morte: para o autor, portanto, o ato literário significa "dar moradia às lembranças".

Tudo que Pigmalião mostra
Narciso esconde...

Narciso amou o que foi preciso
Pigmalião, o que foi precioso

Narciso sofria de depressão
Pigmalião, era apenas ansioso....

Tudo o que Narciso olhou virou pedra
o que Pigmalião amou, tornou-se ouro...

O segundo amou demasiado uma Outra a esmo
o primeiro, demasiado amou a Si mesmo...

A imagem que Pigmalião criou logo ganhou a vida
a refletida imagem de Narciso sugou-o para a morte

A sina de Pigmalião, à Galateia, lhe deu sorte
A de Narciso, à de Eco, lhe deu uma voz só de ida...

Ao primeiro olhar, o leitor dirá
que o Poeta pretere Narciso a Pigmalião

Mas talvez o artista, como um e outro será:
pois Narciso era apenas uma outra espécie de Camaleão

Pigmalião imitava o que estava à sua volta
Narciso, o que encontrou no seu interior

E o poeta, como Endimião a admirar incisivo a lua
na sua loucura é Narciso; na sua Razão, Pigmalião:
Onde uns veem um portal e outros um espelho
ele pega o caminho do meio —
é um deus mortal
que transforma sua revolta em amor.

Mesmo que o amor depois se torne medo...

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA